

Capítulo 20

INVENTÁRIO

Cheguei à cozinha com uma sede saariana. Ao pegar a garrafa d'água, minha mão esbarrou numa lata de cerveja com precisão cirúrgica o suficiente para desistir da água e mudar o rumo da manhã. Esta, por sua vez, apesar de estar nascendo, já estava morta.

O primeiro gole de cerveja atingiu o ponto certo, com efeito analgésico e alucinógeno, me animando um pouco, em meio à raridade da chuva chorada de inverno com o frio do céu acinzentado observado da janela da cozinha. Decidi que o melhor a fazer naquele momento seria

dar uma caminhada pela Serra do Curral,

me ensopar de chuva,

me embrulhar de frio,

lavar minha tristeza.

Ao passar pela sala, percebi que as folhas do meu conto não estavam mais sobre o piano. Procurei pela sala, talvez o vento o tivesse jogado pra longe (não me importaria disso). Mas não estava em lugar nenhum. Obviamente Aida o levava consigo. Curiosidade infantil, eu supus. Mas, que importância teria um simples conto? Por que tanto desejo em lê-lo, por que tanta insistência? Eu deveria tê-la deixado ler. Ou mesmo rasgado. Ou no lixo.

Maldito continho de merda!

Eu sempre erro, eterno default.

Vesti uma roupa apropriada pra chuva, mas sem boné, pois esse toldo poderia impedir a eficácia do processo desejado. Ao passar pela sala observei meus instrumentos musicais ali dispostos:

o cello paralisado que não tocou Abóbora de Cordisburgo para Aida,

o violão desafinado,

a guitarra com a corda Si arreventada,

o contrabaixo enferrujado,

o piano adormecido,

todos impávidos,

todos contristados,

todos consternados,
todos constrangidos,
todos lotados de inorganicidade,
ali estáticos,
mas com um vigor sobre-humano para me acusar de
mais uma derrota,
mais um fracasso,
um leitmotiv do qual deveriam estar acostumados,
sempre engendrado por mim mesmo,
pra mim mesmo,
mas não,
estavam decepcionados,
pois não receberam seus cachês,
pois, no mínimo, no mínimo e no mínimo,
trabalharam como

Testemunha Ativa de mais um Fracasso.

De humano, apenas a Perplexidade, lotada de petulância, sentada na poltrona com as pernas cruzadas, acariciando uma garrafa vazia de conhaque, zombando de mim com um sorriso sarcástico, como se já soubesse dos acontecimentos, dados como

ordinários,
repetitivos,
mediócras,
como sempre.

Sempre como sempre.

Mirei novamente os instrumentos lado a lado com desgosto. Passei por eles como um ponteiro de uma bússola em contramão e perguntei: querem o telefone da minha Intransigência Final?

Não merecem as mãos que meus braços encerram.

E completei:

- Fosse eu, um pouco mais corajoso, pouca coisa, demitiria todos vocês.
- Fosse eu, um pouco mais corajoso, pouca coisa, me aposentaria.
- Fosse eu, um pouco mais corajoso, pouca coisa, virariam combustível pra minha lareira.

Esse era o meu inventário.